

Construindo um panorama da arquitetura modernista natalense: caso dos anos 1950 e 1960

Maria Heloísa Alves de Oliveira¹
Contato: mhalves.arq@gmail.com

Morfologia, Usos e Percepção do ambiente construído

INTRODUÇÃO

No sentido de expandir o conhecimento sobre a produção modernista natalense, a partir do acervo existente no grupo de pesquisa MUa (Morfologia e Usos da Arquitetura), notou-se a oportunidade de reunir os fragmentos sobre esta produção.

OBJETIVOS

O trabalho objetiva apresentar um panorama da arquitetura modernista produzida em Natal entre os anos 1930 e 1980, mediante a construção de um acervo e sua classificação, tendo como principal meio a análise da forma do artefato, capaz de apontar similitudes e contrastes entre as distintas manifestações que foram produzidas durante os cinquenta anos de arquitetura modernista em Natal.

Neste resumo escolheu-se abordar a produção do segundo recorte temporal da pesquisa, compreendido entre os anos 1950 e 1960, primeiro momento de disseminação do léxico formal modernista na cidade.

MÉTODO

Para a compilação dos fragmentos encontrados no Acervo MUa, adotou-se como procedimento metodológico a ficha catalográfica (baseada naquela desenvolvida por Guedes e Tinem, 2013), que reúne em formato padrão os dados oriundos de diferentes fontes de consulta- como trabalhos disciplinares, fotografias, ou outros materiais digitais -, alinhando informações, e permitindo, com a construção da ficha, a análise morfológica individual de cada caso seguida de sua classificação.

Esta se fez a partir de quadros de critérios valorativos construídos segundo um cânon formal estabelecido na literatura, a partir da revisão bibliográfica de autores

que abordam o tema da arquitetura moderna na região nordeste. Publicado em artigo para o 5º DOCOMOMO Norte/Nordeste, com o título “Arquitetura moderna natalense: critérios valorativos para a classificação de novos ícones” de autoria de Trigueiro, Marinho, Alves e Pinheiro (2014), circunscreve-se no formato de seis categorias expressivas: (1) Relação do edifício-lote-quadra-entorno; (2) caixa mural/ volumetria; (3) estrutura/ aspectos construtivos; (4) aspecto espacial; (5) soluções/ adaptações climáticas; e (6) outros elementos.

O primeiro quadro elaborado é adequado para a classificação da produção modernista residencial e notou-se ao longo do desenvolvimento do trabalho a necessidade de ajustá-lo para outras tipologias modernistas, dos casos não-residenciais, a partir da revisão bibliográfica de autores como Pereira (2012) e Araújo (2014), que abordam a produção modernista paraibana; Naslavsky (2012) e Amorim (2012), sobre a produção modernista pernambucana; e Galvão (2007) e Miranda (2010) sobre a produção natalense.

Também foi elaborado um quadro para análise da produção pré-moderna (hoje comumente referidos como Art Déco, mas que preferimos designar como protomodernistas), disseminada entre os anos 1930 e 1949, a partir da revisão de autores como Farias (2014), que estuda as expressões arquitetônicas modernizantes em João Pessoa de 1932 a 1955, e Barthel (2015) em tese de doutorado acerca da arquitetura Art Déco na cidade do Recife (1919-1961), chegou-se a um quadro de critérios valorativos capaz de caracterizar a produção pré-modernista natalense.

DESENVOLVIMENTO

Com os quadros elaborados e aplicados às edificações, delineia-se o panorama da arquitetura moderna natalense que se divide em quatro recortes temporais: o primeiro apresenta a arquitetura pré-moderna



Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | PPGAU/UFRN

produzida entre os anos 1930 e 1940, e traz à luz os primeiros sinais de renovação arquitetônica verificados em Natal; o segundo apresenta a arquitetura produzida entre os anos 1950 e 1960, primeiro momento da arquitetura moderna em Natal, caracterizada por explorar a plasticidade do concreto armado em estruturas com formas prismáticas ou orgânicas, por exemplo; o terceiro recorte destaca a produção dos anos 1960 e 1970, quando a racionalidade da construção ganha protagonismo, com a disseminação de fachadas que evidenciam a separação entre a estrutura e vedação, com a utilização de materiais aparentes; e o quarto recorte apresenta a produção dos anos 1970 e 1980, dedicando-se às manifestações brutalistas, e as tipologias modernas que remetem às tradições locais, como os casos que remetem a um passado “colonioso” como identifica Aldrigue (2012) sobre a arquitetura moderna de João Pessoa, também reconhecidos na nossa amostra em estudo.

Neste resumo escolheu-se abordar a produção do segundo recorte temporal da pesquisa, compreendido entre os anos 1950 e 1960, primeiro momento de disseminação do léxico formal modernista na cidade.

Este período é representado por edificações como: a Associação Atlética Banco do Brasil (AABB), o Cine Nordeste, o SESC Cidade Alta, a Sede Social do América Futebol Clube, a Associação dos Subtenentes e Sargentos do Exército de Natal (ASSEN), a Faculdade de Odontologia, o Hotel Internacional Reis Magos, o Edifício Presidente Café Filho – IPASE, o Terminal Rodoviário Presidente Kennedy, o edifício do IBGE, e o edifício do Seminário São Pedro localizado na rua Mipibu, em Petrópolis. Além de apresentarem décadas de produção em comum, trazem sobretudo aspectos morfológicos semelhantes os quais serão discutidos a seguir. Caracterizam-se pela presença de estruturas que exploram as possibilidades plásticas do concreto armado, com formas trapezoidais ou curvilíneas, como vigas, marquises, e pilares, podendo estes serem em V, colunas palito, e variações, num “modo carioca da arquitetura moderna brasileira” (Bastos e Zein, 2015).

Com relação à inserção do edifício no lote, as edificações em sua maioria apresentam recuos. A Sede Social do América Futebol Clube e a Faculdade de Odontologia, por exemplo, são inseridos em amplos terrenos, o que permitiu grandes afastamentos da edificação em relação às margens do lote. Destaca-se também a integração do meio interno com o externo, através de aberturas e/ou

transparências que possibilitam a fluidez entre os espaços interiores e exteriores. São panos de esquadrias, cobogós e brises, como verificados nos Clubes da AABB, América e SESC Cidade Alta, por exemplo.

A caixa mural do edifício moderno deste período traz a predominância dos volumes prismáticos, são edificações em sua maioria com formas de paralelepípedo, que podem explorar formas curvas, como as encontradas na volumetria do edifício do clube da ASSEN e do Cine Nordeste. Os pilotis atribuem leveza aos edifícios, como vistos na ASSEN e na AABB, e neste último conferem a ideia de “prisma elevado”, quando a edificação parece romper sua ligação com o solo.

As circulações com apelo plástico, como rampas e escadas fazem parte deste léxico formal, como exemplificam as escadas helicoidais encontradas no interior do IPASE e do Clube do América, ou das circulações nas áreas externas que favorecem a “promenade architecturale” que conduzem o visitante ao interior da edificação, como também exemplificam a rampas de acesso da faculdade de Odontologia ou a passarela coberta do Clube da ASSEN (figura 1).

Figura 1: Elementos de “promenade architecturale”: Faculdade de Odontologia; ASSEN; IPASE; e Clube do América.



Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de fotografias disponibilizadas por Rodrigues et al (1999); Meire et al (2006) Alves et al (2007); Medeiros (1999) e Lima (2000).

As coberturas são em sua maioria planas, permitidas pela invenção do concreto armado, sendo imagem e símbolo da arquitetura internacional no início do século XX. Porém, segundo Taralli e Campêlo (2007) e Araujo (2014), as coberturas em geral com platibandas e lajes aparentes utilizadas na produção regional, na verdade escondem as telhas cerâmicas ou de fibrocimento que fazem o cobrimento das edificações, uma vez que as lajes não traziam impermeabilização satisfatória para o clima úmido. Essa afirmativa foi verificada todos os



edifícios classificados neste recorte temporal, apenas o edifício do SESC Cidade Alta apresenta laje impermeabilizada sem o cobrimento de telhas.

No âmbito da estrutura e dos aspectos construtivos, as edificações apresentam estruturas que utilizam das possibilidades do concreto armado, com formas trapezoidais ou curvilíneas: são pilares em V, como os encontrados na entrada do SESC Cidade Alta, pilares cilíndricos e em palito como identificados na ASSEN, marquises em formas orgânicas como a do Cine Nordeste, ou em balanços como da AABB, ou ainda na marquise inclinada que envolve a caixa mural da ASSEN. Este edifício, que explora das possibilidades estéticas do concreto, traz em sua volumetria um arco que demarca a entrada dos automóveis, sinal de modernidade para a Natal dos anos 1960.

Com relação aos aspectos espaciais, estas edificações também evidenciam as áreas livres, sendo elas varandas, terraços, jardins internos e pátios, por exemplo, que contribuem sobretudo no conforto ambiental, assim como os cobogós e brises. Aplicados nas caixas murais como elementos de vedação, são capazes de ventilar e possibilitar a iluminação indireta ao interior dos edifícios, como exemplifica sua utilização na fachada da Faculdade de Odontologia, no SESC Cidade Alta, no Clube da AABB e na Sede Social do América Futebol Clube.

Com relação aos outros elementos que podem caracterizar esta produção, destaca-se a utilização de painéis decorativos, com temas artísticos ou regionais, como o painel produzido pelo artista potiguar Newton Navarro no salão de festas da Sede Social do América Futebol Clube; o painel externo do Cine Nordeste; o painel de cacos de azulejo encontrado no IPASE; ou como os guarda-corpos talhados com temas regionais encontrados no Clube da ASSEN, por exemplo.

Residências

A arquitetura residencial produzida entre os anos 1950 e 1960 em Natal também caracteriza-se por caixas murais que exploram a plasticidade possibilitada pelo uso do concreto armado, em elementos estruturais como pilares, vigas e marquises, por exemplo. Tais arquiteturas, numa derivação da linguagem carioca, são comuns nos primeiros casos de habitação modernista da região Nordeste, são cobertas desencontradas em asas de borboleta, estruturas independentes, jogos de planos, rasgos horizontais e outros elementos presentes

na obra de Oscar Niemeyer e difundidos pela Escola Carioca (Naslavsky, 2012).

Foram identificados 58 exemplares que classificam-se nesta fase, pela data de construção, mas sobretudo pelo aspecto da forma, e embora nem todos os casos tragam informações referentes à datação, aqueles que a possuem, confirmam a incidência das décadas: dezessete exemplares são da década de 50 e quatro da década de 60.

No tocante a relação das manifestações residenciais com o lote, quadra e entorno, estas são implantadas de maneira independente ao lote (PEREIRA, Fúlvio. 2012), e em sua maioria trazem ao menos recuos frontais, que distanciam a fachada da rua.

Como aponta Naslavsky (2012) jardins, passeios, rampas e/ou pilotis conduzem os visitantes favorecendo o “promenade architecturale”. Estes elementos são identificados nas residências estudadas produzidas entre as décadas de 50 e 60: a maioria dos casos tem como elemento estruturador do passeio: a área definida por pilotis que antecede a entrada da residência, os balanços das varandas que produzem espaços cobertos, jardins, ou inclusive elementos que intermediam a passagem do exterior da edificação para o interior, como passeios demarcados. Tais elementos indicam a intenção de inserção desse conceito na produção residencial natalense mesmo em casos com limitações, como nos lotes reduzidos que mesmo não permitindo grandes recuos, ainda assim trazem elementos que possibilitam o passeio arquitetural, como exemplifica a residência da Rua Miguel Barra, 764. Já como exemplo de elemento de “promenade” com tom de monumentalidade, destaca-se a rampa helicoidal da residência da Rua Joaquim Manoel 735, que conduz o visitante até o terraço de acesso à área social da moradia (figura 02).

Figura 2: Elementos de “promenade architecturale”. Residências das Ruas Miguel Barra, 764 e Joaquim Manoel 735.



Fonte: Imagem elaborada pela autora a partir de fotografias disponibilizadas por Maia (2001) e Andrade (1998).



Com relação aos aspectos volumétricos e de caixa mural das residências, em sua maioria apresentam fachadas com a predominância de volumes prismáticos, quando segundo Pereira (2010) e Taralli e Campêlo (2007) são também responsáveis pela transmissão da ideia de moderno da arquitetura.

A utilização de pilotis e balanço de varandas conferem leveza à caixa mural. Embora alguns exemplares não façam uso do pilotis propriamente dito, o balanço das varandas deriva do encontro de vigas e pilares que criam áreas de abrigo, que fazem a transição entre a área externa e interna da edificação, como demonstra a residência da Av. Alexandrino de Alencar 864, que tem a área de pilotis sustentada por pilares tubulares de ferro. As empenas trapezoidais ou empenas invertidas, também denominadas de telhado borboleta, demarcam os volumes idem. Podem se articular de modo a permitir a criação de varandas, e foram observadas nos casos estudados, como na residência da Av. Alexandrino de Alencar 692, na casa da Rua Coronel Brito Guerra 1254, e no caso da Rua Trairi 563.

A volumetria da residência moderna produzida em Natal nas décadas de 50 e 60 também é caracterizada em sua maioria pela presença da cobertura visualmente plana, verificadas a partir de imagens de satélite disponibilizadas pelo Google Maps (2017).

Circulações externas, rampas e escadas de forte apelo plástico podem ser encontradas compondo a volumetria das residências estudadas. Embora tais elementos não sejam encontrados em muitos casos da amostra em estudo, possivelmente por limitações de lotes, recuos e orçamento, por exemplo, nota-se nos casos identificados a exploração plástica das circulações como mais um recurso de valer-se das possibilidades do concreto armado, como exemplifica a rampa helicoidal da residência número 731 da Rua Joaquim Manoel.

Com relação aos revestimentos encontrados nas caixas murais destacam-se as pedras, os azulejos em padrões geométricos e as cerâmicas em cores diversas - que podem formar painéis artísticos frequentemente elaborados em temas regionais, como no caso da residência da Rua Trairi número 563.

Com relação à estrutura e aos aspectos construtivos da edificação, a residência moderna produzida desde os anos 1950 destaca-se por apresentar a estrutura independente, que muitas vezes é ressaltada na volumetria pelo tratamento de superfícies, como com a diferenciação de cores de pintura de vigas e pilares, por

exemplo, como ilustra a residência 656 da Av. Alexandrino de Alencar.

O pilotis possibilita uma nova disposição da residência em relação ao lote, elevada, gerando área livre no solo, permitindo área de abrigo, garagem, etc. Este elemento é encontrado com frequência na produção residencial modernista produzida desde os anos 1950 em Natal, como exemplifica residência da Rua Açú, número 507 (figura 03).

Figura 3: Exemplo da utilização do pilotis na residência da Rua Açú, número 507.



Fonte: Barros (2003).

Como já mencionado, uma das características centrais deste primeiro recorte de residências modernas, são as estruturas com formas trapezoidais ou curvilíneas, como vigas, marquises, caixas d'água e pilares, podendo estes serem em V, colunas palito, e variações, como exemplifica a residência da Av. Alexandrino de Alencar número 864, que reúne em sua fachada uma espécie de marquise curvilínea, pilares cilíndricos e em V, além de uma alta platibanda preenchida por uma sequência de brises delgados (figura 04).

Figura 4: Residência da Rua Av. Alexandrino de Alencar número 864, explora a plasticidade do concreto armado na fachada.



Fonte: Melo et al (1999).

As residências trazem uma variedade de acessos ao exterior, com duas ou mais entradas distintas, de acordo com as atividades social ou de serviço. Os casos analisados apresentam desde de duas aberturas na edificação até cinco. A setorização, ou seja, o programa decomposto em setores monofuncionais e independentes, divididos nas funções social, serviço e íntimo também caracterizam a produção em estudo. As



áreas sociais em geral são compostas por terraços, salas de estar e jantar; as áreas de serviço por cozinha, quarto de empregados e banheiro; e a área íntima, geralmente isolada por corredor, reúne quartos, banheiro e suítes.

Aponta-se como um aspecto característico da residência moderna, a “forma seguir a função”, ou seja, a relação entre setores e a composição volumétrica. As Plantas em U ou em L que desenvolvem-se em torno de pátios também foram identificadas, como exemplifica a residência da Av. Alexandrino de Alencar 658.

Embora não tenha sido verificado em todos os casos analisados, se identifica na espacialidade das residências a adequação aos desníveis, ou seja, o programa e setores funcionais resolvem-se em níveis distintos, como exemplifica a residência 731 da Rua Joaquim Manoel, quando degraus foram utilizados para distinguir a área íntima da área social.

As residências modernas produzidas no século XX trazem transformações sócio espaciais, como a inclusão dos ambientes de serviço ao interior da edificação. Porém, nesta produção em estudo, observa-se que tal transformação ainda estava em transição, quando quatro dos treze exemplares analisados ainda apresentam os dormitórios de serviço no exterior da edificação.

As residências dão ênfase das áreas livres, sendo elas varandas, terraços, jardins internos e teto-jardins. Os casos em sua maioria trazem os terraços, área de abrigo responsável inclusive por intermediar a relação da edificação com o exterior, como também as varandas, ambas protegendo as aberturas da insolação direta. Os teto-jardins também estão presentes na amostra, e os jardins internos foram identificados. A variedade de áreas livres presentes nas edificações confirmam a intenção de integração das áreas internas com externas na residência moderna.

Com relação às soluções e adaptações climáticas, as residências modernas produzidas entre as décadas de 50 e 60 em Natal trazem os cobogós e brises-soleis como elementos de conforto ambiental e que também compõem as caixas murais da edificação, porém os cobogós ganham mais popularidade na amostra. O cobogó, material pernambucano por excelência, idealizado pelos engenheiros Amadeu Coimbra, Ernst August Boeckmann e Antônio de Góis, cujas iniciais daria o nome original, inventado e patenteado entre 1929-1930 (Naslavsky, 2012) conserva a simplicidade de linhas puras da arquitetura moderna e serve como o original

brise-solei na proteção das fachadas, mas ainda produz belos efeitos de sombra e luz como também decorativo. Ganhou popularidade na região nordeste, como também em Natal.

Como já mencionado, as varandas, terraços e marquises protegem as aberturas da insolação e são considerados elementos chave de proteção das aberturas e consequentemente garantem o conforto ambiental da edificação. Quanto às esquadrias utilizadas destacam-se às que misturam madeira em vidro, mas ainda em tamanhos reduzidos quando comparadas aos panos de vidro encontrados em apenas alguns exemplares, como é o caso das residências localizadas na Av. Hermes da Fonseca números 1174, 1076, como também na rua Maxaranguape número 690. Também foram encontradas com muita popularidade as venezianas em madeira. As esquadrias podiam ser acompanhadas por bandeiras, que permitiam a circulação do ar, assim como as pequenas aberturas circulares, também identificadas nesse primeiro conjunto de residências estudadas.

A moradia moderna traz em sua implantação a preocupação com os aspectos climáticos, quando o setor íntimo volta-se para as porções leste e sul do lote, buscando os ventos dominantes e estando afastado da rua, visando o conforto acústico dos cômodos. Quando não permitido esse recuo aos fundos do lote, as áreas íntimas são avarandadas, garantindo o afastamento da rua, como exemplifica a residência da Rua Trairi, 563.

Sobre outros elementos capazes de caracterizar a amostra, destaca-se a convivência de elementos tradicionais com a linguagem moderna, são heranças construtivas de períodos anteriores que ainda permanecem na moradia moderna. Os registros fotográficos apontam sinais dessas permanências, desde corrimãos e escadas em desenhos e materiais tradicionais, como a madeira; telha colonial nas coberturas, exposta sem laje, como no interior da residência número 864 da Av. Alexandrino de Alencar; além de permanências sócio espaciais como as áreas de serviços fora do corpo da edificação e até a presença de local para criadouro de animais nos fundos do lote, como se identifica na mesma residência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arquitetura moderna foi linguagem formal para as manifestações edificadas em Natal ao longo do século



XX e neste artigo buscou-se apresentar parte da trajetória dessa produção através da abordagem de exemplares produzidos entre os anos 1950 e 1960, primeiro momento de disseminação do léxico formal modernista na cidade.

Diante do processo de desaparecimento prematuro destas manifestações, este trabalho também objetiva compilar fragmentos para complementação do site “Ícones da Arquitetura Moderna Natalense” almejando assim ampliar o conhecimento sobre esta produção e quiçá o reconhecimento desta arquitetura por parte da população.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDRIGUE, Maryá de Sousa. **“Aparências da forma e forma do espaço: análise da configuração espacial de residências unifamiliares dos anos 1970 em João Pessoa – PB. 2012. 260 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.**

ARAÚJO, Ricardo Ferreira de. **Arquitetura residencial em João Pessoa: a experiência moderna nos anos 1970.** In: Na urdidura da modernidade. Organizadores Nelci Tinem e Márcio Cotrim. João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2014.

BARTHEL, Stela Gláucia Alves. **Vestígios do Art Déco na cidade do Recife (1919-1961): abordagem arqueológica de um estilo arquitetônico.** 2015. Tese (Doutorado em Arqueologia e Conservação do Patrimônio Cultural do Nordeste) – Programa de pós-graduação em arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

FARIAS, Fernanda. **As expressões arquitetônicas modernizantes em João Pessoa 1932/1955.** In: TINEM, Nelci. COTRIM, Marcio. Na urdidura da modernidade, Arquitetura moderna na Paraíba I. João Pessoa: FA Gráfica e Editora/PPGAU-UFPB, 2014. 340p. IL.

FERREIRA, Angela Lúcia; EDUARDO, Anna Rachel Baracho; DANTAS, Ana Caroline; DANTAS, George A. F.. **Uma cidade sã e bela: a trajetória do saneamento em Natal - 1850 a 1969.** Natal: IAB-RN/ CREA-RN, 2008. 284 p.

GALVÃO, Marlene G. **Ubirajara Galvão: Trajetória.** Natal: Mariz, 2007.

GUEDES, Kaline Abrantes. TINEM, Nelci. **Documentando o patrimônio moderno: informação e visibilidade.** 3 seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação. Belo Horizonte. 2013.

MIRANDA, João Maurício F. ...**Antes que a memória se apague.** Natal: EDUFRN, 2010.

NASLAVSKY, G. **Arquitetura Moderna no Recife, 1949-1972.** 1a. ed. Recife: Prefeitura da Cidade do Recife, 2012. v. 01. 150p.

PEREIRA, Fúlvio. **As modernas contribuições de Mario Glauco di Lascio.** In: Morte e vida severinas: das ressurreições e conservações (im)possíveis do patrimônio moderno no Norte e Nordeste do Brasil. Organizadores Nelci Tinem e Luiz Amorim; João Pessoa: Editora Universitária PPGAU/UFPB, 2012. 341p. il.

TARALLI, C. H. ; CAMPELO, M. **Arquitetura Moderna no Campus da UFC..** In: Fernando Diniz Moreira. (Org.). **Arquitetura moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade.** 1 ed. Recife: FASA, 2007, v. 1, p. 303-320)

TRIGUEIRO, Edja. MARINHO, Barbara. ALVES, Maria Heloísa. PINHEIRO, Nathália de Araujo. **Arquitetura moderna natalense: critérios valorativos para a classificação de novos ícones.** 5 DOCOMOMO NORTE-NORDESTE. Fortaleza, 2014. Para as referências use espaço simples (um) entre as linhas e espaço duplo para separar as referências entre si.

